



## **CARTA DE PRINCÍPIOS**

### **Federação Académica de Lisboa**

#### **1. PREÂMBULO**

A Federação Académica de Lisboa, edificada no dia 20 de Novembro de 2014, foi criada com o propósito de proporcionar à academia pública de Lisboa uma verdadeira representação política dos seus estudantes em todos os fóruns, formais ou informais, com intervenção direta no seu quotidiano académico. Desde a sua fundação, a Federação Académica de Lisboa institucionalizou-se e alargou a sua atividade, afirmando-se como uma estrutura de referência, nas matérias de Política Educativa e Desporto no Ensino Superior, dotada de uma posição interventiva e substanciada quer no panorama da academia de Lisboa, quer no panorama associativo nacional. Considera-se que a sustentabilidade e institucionalização da estrutura estão intimamente ligadas à sua memória institucional e a processos de persecução de metas rigorosas e coerentes. Como tal, e dada a elevada rotatividade dos agentes envolvidos, é imprescindível materializar os princípios, premissas e intenções sobre as quais a FAL foi fundada. Como via para garantir que os princípios sobre os quais a Federação Académica de Lisboa foi fundada não são adulterados, surge a necessidade da criação do presente documento que cumpra os pressupostos supracitados e que seja garante não só de um crescimento sustentável e sustentado bem como de uma identidade bem afirmada. Assim, doravante e em relação estreita com os estatutos da Federação Académica de Lisboa, os princípios explanados no presente diploma devem ser respeitados como valores fundamentais no desenho e definição metodológica da atividade da Federação Académica de Lisboa, por parte dos seus Órgãos Sociais e da sua Assembleia Geral.

## 2. MENSAGEM DA COMISSÃO INSTALADORA

“As estruturas são as pessoas.” “As pessoas fazem as estruturas.” “Não são as estruturas que fazem as pessoas, mas sim as pessoas que fazem as estruturas.”  
Sabedoria popular associativa

Foi esta uma das conclusões resultantes de horas infindáveis de discussão de um pequeno - grande - grupo de dirigentes associativos. Um grupo das mais variadas crenças, ideologias e formações, unido por uma vontade comum: Colocar os estudantes da Academia de Lisboa no lugar de destaque que mereciam. Além do trabalho individual, ainda que partilhado, das estruturas que estiveram na génese da criação da FAL, era comum a ausência de uma posição concertada da academia lisboeta junto das estruturas de governação locais e nos fóruns de discussão nacionais. Não são escassos os exemplos medíocres, presentes e passados, de tentativa - muitas vezes quase sebastiânica - de agregar associações, sempre com intenções que agradavam a poucos e convinham a muitos. Isto, naturalmente, veio de forma clara fortalecer as nossas convicções de que era, imperiosamente, necessário um projeto único, sem precedentes dignos, com um ADN forte e baseado em momentos sustentados de discussão intelectual que, como uma fénix, saberia nascer de uma academia poeirenta e antiquada, resistente à assunção de muitas das suas falhas até à data. Não julgamos ser nem mais nem menos do que somos. Não nos julgamos perfeitos nem temos o pretenciosismo de nos achar superiores a tantas outras gerações que, tal como nós, investiram no sonho de criar esta estrutura. Com uma visão pluralista, fruto de diferentes contextos e experiências, pegámos nos contributos desses vários agentes ligados ao associativismo na capital e, aproveitando o tempo que nos pareceu correcto, materializámos aquilo que naquele momento fez sentido. Com uma fórmula simples, mas eficaz, quisemos garantir que as associações académicas e de estudantes do Ensino Superior público - por partilharem uma matriz semelhante em muitos aspetos do seu quotidiano -, se soubessem pautar por uma defesa

inexpugnável daqueles que se propuseram representar, sabendo colmatar as fraquezas de cada um com a força dos restantes. A vontade de criar uma voz credível em todos os fóruns de discussão foi o nosso mote. Uma voz política que contrariasse uma juventude cada vez mais apática e desinteressada. Uma voz cultural que soubesse unir a Academia com a Cidade. Uma voz que gritasse desporto e recreação! Uma voz que apregoasse a responsabilidade social de todos e cada um de nós. Uma voz que assumisse a linha da frente no combate às injustiças e deficiências do quotidiano dos estudantes. Uma voz que fosse isso mesmo: uma, unida. Desenganaram-se aqueles que viam a nossa geração através do estereótipo de jovens foliões, numa tentativa clara de nos diminuir, desmotivar e desmobilizar. A Federação surgiu para o combater através do debate regular, estimulante e informado como meio de afirmação. Se o futuro mantiver esta irreverência, aliada a um elevado sentido de responsabilidade, acreditamos que a nossa criação tem um longo e construtivo caminho a percorrer. A Federação Académica de Lisboa é, hoje, uma estrutura capaz, robusta e, através do trabalho desenvolvido conseguiu, em tão pouco tempo de história, estar no epicentro nacional da discussão política estudantil. No entanto este será sempre um projeto sem fim, inacabado. Uma vida longa e próspera, cheia de conquistas e ensinamentos e que, acima de tudo, saiba deixar uma marca positiva na vida de todos aqueles que a rodeiam, é esse o repto que lançamos aos futuros dirigentes da Federação Académica de Lisboa.

A Federação é nossa, é vossa, é de todos os estudantes. “Se fossemos só mais uma Federação, éramos uma Federação a mais.”

A Comissão Instaladora,

André Santos Pereira André Jorge André Sousa Frederica Mouro João Frederico Branco

Pedro Miguel Sereno Pedro Roque Domingues Tânia Lourenço Teresa Nóbrega

### 3. MISSÃO

A missão da FAL, estabelecida estatutariamente, consiste na representação das associações estudantis da Grande Lisboa em matéria política, cultural e recreativa, em função dos interesses que estas definam maioritariamente como seus e que deverão incluir:

a) Representar globalmente todos os membros federados, e defender os seus interesses; b) Participar em todas as questões de interesse estudantil, nomeadamente em matéria de política educativa, setorial ou geral, estabelecendo pontes entre as Instituições de Ensino Superior e as estruturas culturais, sociais, económicas e políticas do País; c) Fomentar o desenvolvimento das associações federadas, promovendo espaços e plataformas de incremento de competências, bem como meios técnicos à disposição das mesmas, visando esbater as discrepâncias de desenvolvimento e potenciando a aproximação e o crescimento das várias associações; d) Fomentar a discussão e participação dos seus associados sobre os temas que se considerem pertinentes; e) Incentivar a participação em todos os organismos estudantis, de âmbito regional, nacional ou internacional, cujos princípios não contrariem os consignados nos estatutos; f) Estabelecer condições objetivas que incentivem a adesão à Federação Académica de Lisboa por parte das Associações existentes na região da Grande Lisboa; g) Posicionar-se coerentemente sobre as matérias afetas aos subsistemas de ensino Universitário e Politécnico públicos, bem como sobre qualquer outra matéria de carácter académico ou associativo.

#### 4. VALORES

Rigor - A Federação Académica de Lisboa deverá, em todos os momentos, posicionar-se criticamente face aos problemas encontrados no seio do Ensino Superior, promovendo soluções criativas, eficazes e eficientes, através da rentabilização das competências e conhecimentos produzidos metodologicamente e por escrutínio constante da atualidade. Transparência - A génese, linhas de ação metodológicas e atividade deverão pautar-se pela transmissão, clara e meticulosa, de toda a informação que possa afetar direta ou indiretamente os interesses das Associações de Estudantes nela federadas e dos seus estudantes bem como dos seus parceiros estratégicos e institucionais. Progressismo - A FAL deverá destacar-se pela forma como desenvolve a sua atividade, interage e comunica com as associações de estudantes nela federadas e seus estudantes, garantindo que cada uma destas ações se realiza de forma estruturada, desenhada sob princípios de articulação com as entidades que a constituem bem como com as que incidem na sua diretamente na sua atividade, com vista a otimizar resultados e alargar as dimensões de atuação da comunidade académica de Lisboa. Utilizando metodologias disruptivas como via para garantir que a qualidade e inovação são uma constante na estrutura, na academia de Lisboa e no movimento associativo nacional. Sustentabilidade - Dever-se-ão ainda aplicar os meios disponíveis de forma responsável com vista à maximização do desenvolvimento a longo prazo e a perpetuação do legado. Impacto na Academia - Em todos os momentos, a FAL deverá promover sustentavelmente o desenvolvimento do Ensino Superior em todas as suas vertentes, nomeadamente Política, Formativa, Desportiva, Responsabilidade Social, Cultural e Recreativa em estreita ligação com a comunidade, procurando comunicar Lisboa como uma cidade de referência enquanto Academia. Valorização - Sustentabilidade e viabilidade de um projeto desta natureza estão intimamente relacionadas com a sua capacidade de criar valor. Criar valor para todas as associações federadas, para os parceiros, para a cidade e, acima de tudo, para os estudantes de Lisboa.

## 5. PRÍNCÍPIOS ORIENTADORES DE FUNCIONAMENTO

A afirmação e funcionamento de uma estrutura estudantil com as características da Federação Académica de Lisboa exige uma estrutura sólida, sustentável e de indubitável capacidade organizativa. É, por um lado, imprescindível assegurar as condições materiais necessárias ao desenvolvimento das diferentes atividades e, por outro, essencial garantir a divulgação eficaz da ação da estrutura, seja ela de natureza política, cultural ou desportiva. A combinação destas duas dimensões possibilita a construção de uma visão integrada das diferentes áreas de atuação e investimento na coesão da estrutura. O atual panorama do Ensino Superior exponencia o desafio e exige a adoção de métodos de previsão realistas, opções de orçamentação prudentes e mecanismos de controlo e execução de despesa rigorosos. É imprescindível assegurar que a alocação de recursos é a mais eficiente e que não existe desperdício, dado que apenas assim será possível estabelecer uma relação de confiança com as associações federadas e com todos os nossos parceiros. Complementarmente, a transparência da prestação de contas deve ser assegurada, através da disponibilização de elementos que, com a periodicidade adequada, permitam a todos os interessados acompanharem a execução orçamental. Não obstante, deve a Federação Académica de Lisboa dar continuidade aos princípios de expansão da sua atividade e dos eixos de atuação, designadamente o aumento da capacidade interventiva em Lisboa. Para tal deverá, de forma constante, explorar positivamente os recursos disponibilizados pela Cidade e pela Academia, com vista a alargar a sua base de ação. Deve assim procurar garantir uma incidência territorial abrangente alargando o número de instalações e recursos físicos que coloca à disponibilidade da Academia, em particular dos estudantes. Neste sentido, no que a princípios orientadores de atividade e funcionamento deverá garantir-se:

a) Em matéria de despesa e prestação de contas: i. Máxima eficiência na aplicação e gestão de recursos; ii. Minimização do esforço de financiamento das AAEE federadas; iii. Condições para que, no limite, a estrutura reúna em qualquer momento as condições para cumprir o seu propósito último de representação política; iv. Diversificação das fontes de financiamento; v. Construção de um fluxo de receitas estáveis.

b) Em matéria de comunicação e imagem, o reconhecimento, unidade e eficácia constituem os eixos sobre os quais se deverá desenvolver todo o trabalho da Federação Académica de Lisboa. Pelo seu papel recente e disruptivo na Academia de Lisboa, necessita esta de apresentar uma imagem forte, coesa e que permita um eficaz reconhecimento dos valores que são defendidos e do papel desempenhado por esta estrutura na Academia, na Cidade de Lisboa e em Portugal. Nesse sentido deverá ser promovida a expansão sustentada da estrutura com base nos valores da competência e rigor com vista à melhor representação e defesa dos interesses dos estudantes. Com a expansão e presença cada vez mais constante, torna-se imperativo a aplicação de material institucional de divulgação e normas de utilização da identidade FAL por terceiros. Ainda no que à matéria de comunicação e imagem diz respeito, sendo áreas de suprema importância para a transmissão de informação interna e externa em todos os planos, deverá pautar-se pelo rigor e por guias meticulosos visando garantir o impacto desejado na estrutura e no meio, institucionalizando-a. Assim, os órgãos eleitos para cada mandato, deverão conhecer, aplicar e rever sempre que necessário por três guias basilares: i. Manual de Normas Gráficas: A identidade gráfica da FAL deve afirmar-se enquanto marca e ser reconhecida pelo público adaptando-se aos diferentes alvos mantendo, contudo, uma linha inconfundível, séria e representativa da estrutura. ii. Linhas Orientadoras de Comunicação Interna: considera-se que o trabalho desenvolvido pela Federação está intimamente ligado ao sucesso da comunicação dentro dos órgãos sociais, entre eles e dos mesmos com as associações federadas. Os mecanismos deverão ser claros para todos os envolvidos e estabelecidos desde início facilitando a comunicação em situações comuns ou discussões de emergência bem como prevenindo transmissão de informação errónea ou que a mesma não alcance de igual forma todos os interessados. Não obstante deverá existir vontade de manter proximidade entre os órgãos sociais e as associações federadas através das vias informais como forma de consolidação do espírito académico entre a estrutura, as direções das associações de estudantes federadas promovendo a relação das mesmas entre si; iii. Linhas orientadoras de comunicação externa: A comunicação externa da FAL estabelece-se visando três dimensões, nomeadamente as Federações e Associações Académicas e de Estudantes, os Estudantes de Ensino Superior e a Sociedade Civil.

Posto isto, o modelo de comunicação deverá ser de carácter fluido e de compreensão alargada, refletindo coerentemente a atividade e o posicionamento da estrutura, sem excluir públicos-alvo.

## 5.1. COLÉGIOS

A FAL tem como lógica de funcionamento a criação de convergências e sinergias, quer com as estruturas a nível nacional quer a nível local, de forma a aproximar e a fortalecer as posições tomadas pela defesa de um Ensino Superior de qualidade e dos interesses dos estudantes que o constituem. Em Lisboa, verifica-se uma oferta formativa bastante rica e diversificada, representando os dois subsistemas de ensino e materializando-se em duas Universidades, um Instituto Universitário e um Instituto Politécnico, bastante diferentes entre si no que à sua génese diz respeito, tendo porém um objetivo comum: o de oferecer as melhores condições de ensino e de pedagogia a nível nacional, pautando-se por uma elevada abrangência formativa, pedagógica e científica. Contudo, é de salientar que tanta diversidade implica que na academia existam necessidades distintas devido às respetivas planificações estratégicas de cada instituição e conseqüentemente diferentes estratégias de ação. Por todas estas diferenças existentes na rede de Ensino Superior da capital, que tornam mais plural e rica a maior Academia do país, a FAL organiza-se por Colégios. Na nossa ótica, este é o meio mais profícuo para acompanhar e auxiliar as associações de estudantes que constituem a nossa estrutura, dando resposta às necessidades existentes, quer pelos vários subsistemas quer pelas diferentes Instituições. Assim, os objetivos gerais para os quatro colégios existentes na Federação Académica de Lisboa deverão pautar-se por:

- a) Aproximação institucional, operacional e metodológica entre as Associações de Estudantes federadas com vista ao desenvolvimento das mesmas e da projeção qualitativa da atividade individual e colegial no espaço das Instituições de Ensino Superior de pertença;
- b) Definição e aplicação de políticas de alcance médio, capazes de agregar as Associações de Estudantes em objetivos comuns, projetando assim a FAL e melhorando a representatividade estudantil na Academia de Lisboa;
- c) Definir e coordenar, em conjunto com as associações, a linha política mais capacitada para a afirmação da FAL, Colégio e Associações de Estudantes federadas como elementos de referência no trabalho no seio da instituição;
- d) Definição de políticas de atração de Associações de Estudantes não federadas, em relação estreita com as federadas, com vista à produção de uma linguagem comunicacional atrativa e sólida, que potencie o interesse na FAL a partir da ação



setorial do colégio. e) Criação de um espaço de informação e debate de temas que concernem todas as estruturas do colégio, permitindo o alinhamento de estratégias e posições com vista à identificação e resolução de problemas do foro interno da IES representada no Colégio.

No que à organização interna dos Colégios diz respeito, devem estes ser um órgão independente na sua ação e definição de estratégias políticas, não havendo lugar à sua monopolização por parte de alguma estrutura.

## 6. EIXOS ESTRATÉGICOS 6.1. POLÍTICA EDUCATIVA

A Política Educativa é a matéria nuclear da atividade da Federação Académica de Lisboa. Enquanto elemento determinante para a consolidação das condições objetivas do quotidiano da comunidade estudantil de Lisboa, considera a Federação Académica de Lisboa imperativo desenvolver-se enquanto plataforma que reforce o papel e capacidade representativa. Não obstante, a Federação Académica de Lisboa não pode ser uma estrutura a operar numa direção unilateral. Considera-se, por consequência, que a produção e desenvolvimento de matérias deve ter origem tanto na direção como nas associações federadas, estabelecendo por esta via uma dinâmica reforçada de debate estrutural, com consequências positivas para a atividade da estrutura, aprofundando os debates e consolidando posições estabelecidas, funcionando adicionalmente como um mecanismo de formação de dirigentes. Concomitantemente, deverá ser preocupação das sucessivas direções que se desenvolvam dinâmicas interativas entre os estudantes e a cidade, materializando espaços e contextos que permitam aos jovens intervir em matéria política e social de carácter regional, contribuindo para formar cidadãos ativos e críticos.

## 6.2. FORMAÇÃO POLÍTICA

Reconhecendo a importância que tem para a sociedade a formação e o investimento nos mais jovens, a FAL deverá ser força motriz na formação e informação dos estudantes de Ensino Superior particularmente nos temas políticos de relevância na atualidade através da promoção de debates e formações ministradas na medida das suas necessidades e diferentes realidades, que farão com que os estudantes consigam maturar as suas posições e opiniões.

### 6.3. FORMAÇÃO DE DIRIGENTES ASSOCIATIVOS

Um dos pilares da interação entre uma federação e as associações federadas deverá ser a partilha de metodologias e suprimento de necessidades nas temáticas comuns aos planos de atividades das mesmas complementadas por formação que potencie a dinamização dos projetos das AAEE.

Desta forma, o acompanhamento aos coordenadores de áreas deverá ser feito em duas vertentes. Em primeiro lugar, a realização de reuniões periódicas para discussão de problemas e troca de informações entre coordenadores e os vogais correspondentes da FAL. Em segundo lugar, formações articuladas consoante as disponibilidades de cada grupo com vista a colmatar lacunas ou necessidades sentidas pelos coordenadores de cada associação. Para além da aproximação das Associações entre si e à Federação, este conceito cria valor para as mesmas e permite uma adaptação dos esforços da Direção à real necessidade das associações federadas.

### 6.4. DESPORTO

O acesso à prática desportiva e à cultura física, consagrado na Constituição da República Portuguesa como um direito fundamental, assume-se como uma das áreas de intervenção da FAL. Sendo o Ensino Superior um espaço de formação e realização pessoal e profissional, cujos contributos para a formação de cidadãos informados e participativos é imensurável, não podemos deixar de juntar a estas características a formação de cidadãos mais ativos e conscientes do seu corpo e da influência que os estilos de vida ativa e a prática desportiva estabelecem para a melhoria da qualidade de vida. O posicionamento do desporto no ensino superior no âmbito do sistema educativo remete-nos, à partida, para um compromisso necessário para com a prática e o desenvolvimento desportivos, não apenas legitimado por dados quantitativos de prática e impacto, mas também pelo próprio carácter do desporto, enquanto fenómeno social, rico em valores e de importância premente na formação pessoal dos cidadãos e, em especial, do desporto universitário nas suas dimensões desportiva, social e educativa. Deste modo, importa que a atuação da FAL nesta matéria se pautem por linhas concretas e perspetivas a longo prazo:

a) Valorização do desporto no ensino superior A valorização do desporto no ensino superior estabelece-se como uma postura inerente à intervenção dos dirigentes da FAL em matéria de desporto. Aqui se deverá considerar a constante proximidade com os agentes e estruturas ao nível do desporto no

ensino superior, o acompanhamento das alterações no contexto e a colaboração no delineamento de estratégias de atuação. Em contraste com outras linhas, aqui se deverá focar o desporto na perspetiva social e de formação, procurando incentivar os demais agentes a intervir para além da organização da prática desportiva em questões de foro do desporto no ensino superior. Será essencial propiciar o entrosamento das competências das várias áreas de estudo no âmbito do desenvolvimento desportivo.

b) Formação e produção documental A gestão do conhecimento deverá ser um pilar no desenvolvimento e implementação da política desportiva da FAL, proporcionando uma base de trabalho para os agentes envolvidos e apoiando a formação dos dirigentes associativos e demais agentes.

c) Candidaturas a eventos A organização de eventos desportivos é uma linha de crucial manutenção. Esta deverá refletir o alinhamento criado entre a FAL, a autarquia e as demais entidades que intervêm ao nível regional no ensino superior e no desporto, colocando as competências e conhecimentos dos estudantes, as valências regionais e a visão da FAL para o desporto no ensino superior, no centro da sua conceção. Será profícuo o apoio ao progressivo e crescente envolvimento e autonomia das estruturas estudantis e instituições de ensino superior na organização de eventos desportivos. Para este fim, importa que seja estabelecida uma metodologia de ação para esta dimensão. Variável entre eventos nacionais e internacionais, de maior e de menor dimensão, defende-se que a FAL deverá apostar em eventos estruturais na dimensão desportiva nacional designadamente eventos coletivos, em ciclos temporais de cinco anos, com vista a garantir uma forte incidência e relação com a prática desportiva e estudantes-atletas nacionais. Entre esses períodos, a aposta no desporto dever-se-á focar em eventos nacionais, desenvolvidos em parceria com as associações federadas, em particular nas modalidades em que as mesmas apresentem melhores resultados desportivos, procurando por esta via aumentar os resultados desportivos face às

demais estruturas nacionais. Defende-se ainda que, neste período, exista uma aposta nos eventos internacionais, preferencialmente em modalidades estratégicas, definidas, entre outras dimensões, pelo ponto anterior.

Assim, propõe-se que seja solicitado anualmente à Federação Académica do Desporto Universitário, a listagem de provas com maior participação de estudantes atletas provenientes das instituições com associações federadas, bem como à Associação Desportiva do Ensino Superior de Lisboa.

#### 6.5. EMPREENDEDORISMO E RESPONSABILIDADE SOCIAL

As dificuldades sentidas pelos estudantes em todo o seu percurso académico e no acesso ao mercado de trabalho, são uma realidade a curto e médio prazo e que exige intervenção nesta matéria com o objetivo de proporcionar alternativas que fomentem non-technical skills, difíceis de cultivar através da educação formal, constituindo fatores de diferenciação no cidadão com formação superior. O empreendedorismo assume-se como um agente de estímulo que promove o desenvolvimento económico e social de um país, um indicador de progresso e evolução que é entendido pela sociedade como dinamizador de oportunidades, criador de alternativas. A componente social aplicada a este conceito é encarada pela procura de soluções a problemas sociais prementes na comunidade. A responsabilidade social, por seu lado, complementa o desenvolvimento individual e coletivo nas sociedades ao constituir um fator de crescimento que se materializa na base voluntária e que pretende sobretudo contribuir para o desenvolvimento e inclusão social, alertando para os deveres e obrigações que um cidadão tem perante a sociedade. Estes dois âmbitos partilham uma diversificada e dispersa oferta em Portugal pelo que o papel da Federação não poderá passar pela sobreposição de atividades já amplamente exploradas por outras entidades bem como pelas associações de estudantes. Como tal, deverão ser conduzidos esforços para a implementação de planos de ação suficientemente abrangentes, inovadores e que cumpram o objetivo de unir a academia em torno de um objetivo comum. Esta via contribuirá para uma institucionalização sustentável e a longo prazo com a afirmação dos estudantes do Ensino Superior enquanto elementos decisores e interventivos no que a estas áreas de trabalho diz respeito ao invés de multiplicar a oferta existente de onde apenas se retira um retorno rápido e efémero com parco impacto real na sociedade.

Pretende-se, assim, que o desempenho da Federação nestas matérias seja um complemento ao trabalho das AAEE de forma a colmatar necessidades transversais às diferentes especificidades das áreas de estudo correspondentes, pautando-se por:

- a) Promover o espírito empreendedor dos Estudantes do Ensino Superior e incentivar o desenvolvimento destas qualidades em colaboração com as AAEE;
- b) Capacitar e promover a aquisição de competências, permitindo o desenvolvimento de um espírito proactivo nos Estudantes da Academia de Lisboa;
- c) Consciencializar a população estudantil para a necessidade de cooperação entre instituições e criação de iniciativas com vista a uma melhor integração social;
- d) Fomentar valores de respeito pela dignidade humana e interação com a comunidade;
- e) Responsabilizar o movimento associativo da capital pela completa simbiose social entre os Estudantes e a cidade;
- f) Potenciar as competências das AAEE, das IES e dos seus estudantes, no âmbito do empreendedorismo, desenvolvimento social e responsabilidade social;
- g) Alinhar a ação da FAL com as políticas das IES no que concerne a estas áreas de ação.

## 6.6. CULTURA

A cultura é veículo de enriquecimento pessoal e resultado da agregação de tradições, costumes, hábitos e valores. Para além disso, a sua dinamização tem potencial enquanto intermediário entre o que de melhor existe a este nível entre as diferentes Instituições de Ensino Superior. Pretende-se, por isso, que a cultura alcance o estudante, incluindo-o na dinâmica cultural da cidade desde o seu primeiro dia no Ensino Superior. Para além disso, deverá também ser preocupação permanente que a atual situação económica do país seja um entrave à fruição da oferta cultural. Uma vez reconhecida como peça fundamental, com direito a ser enaltecida e transportada para o dia-a-dia do estudante, a cultura será alvo do trabalho da Federação através dos seguintes tópicos:

- a) Protocolos e Parcerias;
- b) Reconhecimento e desenvolvimento de costumes académicos;
- c) Valorização da História;
- d) Ciclo de atividades de cariz cultural.

## 6.7. RECREAÇÃO

A Federação Académica de Lisboa reconhece a importância de despertar o espírito académico entre os estudantes da cidade de Lisboa. A par do trabalho de rigor e excelência desenvolvido pelas estruturas federadas, é convicção que a Federação deverá traçar o caminho para criar um elo dinâmico entre os estudantes e a cidade. Neste âmbito, as atividades de carácter recreativo ocupam um papel determinante, sendo que, quando estiverem reunidas as condições necessárias à concretização dos eventos, a FAL deverá assumir-se neste campo criando momentos de convívio académico e recreação para os estudantes na cidade, agregando e maximizando o potencial recreativo das suas Associações federadas, estabelecendo assim novos momentos marcantes no contexto social e recreativo da Academia. Não obstante, em momento algum deverão interferir na sustentabilidade da estrutura a curto, médio e longo prazo pelo que deverá exigir-se um planeamento e previsão criteriosos de todo e qualquer risco aquando da implementação de projetos neste âmbito.

## 6.8. REPRESENTAÇÃO EXTERNA

A Federação Académica de Lisboa, enquanto estrutura representativa de um conjunto alargado de associações e de estudantes, não pode ser alheia ao contexto em que se insere, devendo por isso procurar envolver-se e comprometer-se para o desenvolvimento do mesmo. Esta referência deve ser alocada a matérias de Ciência e Ensino Superior e à cidade de Lisboa, bem como a todas as matérias que contribuam ou interfiram com o quotidiano estudantil. Deve por isso a representação externa assumir-se enquanto componente fulcral na atividade da FAL, em particular ao nível da comunicação do posicionamento político e ideológico da estrutura, no seu contexto externo, definindo-se como competência da direção garantir a participação ativa e crítica em todos os fóruns, formais ou informais, salvaguardando e promovendo nos mesmos as dimensões da sua atividade.